

## SILAS FLANNERY ATORMENTADO OU A IMPOSSIBILIDADE DA VANGUARDA

Jana Cambuí Alves Lima (UNEB)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho pretende fazer uma análise de Silas Flannery, personagem do romance de Italo Calvino (1979), *Se um viajante numa noite de inverno*, a partir de uma leitura sobre os conceitos de contemporaneidade de Giorgio Agamben (2009) e Karl Erik Schollhammer (2009). O escritor atormentado por sua incapacidade de escrever o livro que considera possível de ser escrito apenas por alguém que não existe - o que ele chama de "verdadeiro livro" -, pode ter seus desejos de captura do "mundo não escrito" comparados à ideia de fratura temporal de Agamben sobre o contemporâneo. Paralelamente, a impossibilidade de vanguarda trazida por Zygmunt Bauman (1998) confronta o desejo do - aqui considerado - alter ego de Calvino, o escritor Silas Flannery, em se tornar um artista sensível a esse obscurantismo possível ao mundo presente. Trazer a figura do autor como uma figura atormentada entre seus desejos de leitor e sua própria produção dentro de uma pesquisa já iniciada sobre a arte da leitura a partir do dado romance de Calvino, permite um olhar apurado para o outro lado do discurso proposto por ele, dentro do mesmo romance analisado. Como traz Bauman, o artista contemporâneo - e conseqüentemente o escritor - sente a necessidade incorporada no imaginário coletivo da atualidade de romper com padrões de forma radical; esse é o caso de Silas Flannery. Assim como traz fortemente os percalços de uma leitura confusa, permeada por aparentes problemas de distribuição, diagramação, edição - crítica própria de Italo Calvino sobre o que é publicado na atualidade - em *Se um viajante não se esquece também* do tormento do escritor que responde às expectativas do grande público, mas não às suas próprias expectativas de leitor atento e com denso repertório cultural. Manter-se contemporâneo seria, talvez, o desafio que enfrenta densamente o personagem, Silas Flannery, e que é proposto por Bauman, Agamben, Schollhammer e, porque não dizer, Calvino.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade; Literatura; Autoria; Italo Calvino

*“(...) os verdadeiros autores, para ele, são aqueles que não passam de um nome na capa, uma palavra anexada ao título, autores que partilhavam a mesma realidade das personagens e dos lugares mencionados nos livros, que existiam e, ao mesmo tempo, não existiam, como aquelas personagens e aqueles lugares.”*

*Italo Calvino*

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (UFRB), Mestranda em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). Contato: janacambui@gmail.com

Ao pensar em literatura contemporânea, Karl Erik Schollhammer (2009) questiona se deveria se considerar o contemporâneo como o que é produzido atualmente ou nos últimos anos, ou, dentro da perspectiva da literatura, caracterizar a relação entre o momento histórico e a ficção. Sobre o contemporâneo, Giorgio Agamben afirma:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Roland Barthes, como traz tanto Agamben quanto Schollhammer, afirma que “o contemporâneo é intempestivo”, uma vez que ele não se identifica plenamente com o seu tempo, mas pretende analisá-lo a partir de outra perspectiva, geralmente crítica.

Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam da sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir. (SCHOLLHAMMER, 2009, p.10)

Essa sensibilidade ao seu próprio tempo pode pressupor um contemporâneo que vem acompanhado sempre de uma angústia, principalmente quando pensamos no artista e no fazer da arte.

Agamben, a partir de uma poesia de Osip Mandel'stam, intitulada “O século”, defende que o poeta - e aí pode-se pensar no artista, de forma mais geral - é aquele cuja obrigação é manter sensível essa relação entre a arte e o seu tempo, ou melhor, o indivíduo que produz a arte e o seu tempo.

Os dois séculos, os dois tempos não são apenas, como foi sugerido, o século XIX e o XX, mas também, e antes de tudo, o tempo da vida do indivíduo e o tempo histórico coletivo, que chamamos, nesse caso, o século XX, cujo dorso - compreendemos na última estrofe da poesia - está quebrado. O poeta, enquanto contemporâneo, é essa fratura, é

aquilo que impede o tempo de compor-se e, ao mesmo tempo, o sangue que deve suturar a quebra. (AGAMBEN, 2009, p.60)


Dessa forma, Schollhammer vem pensar a situação do escritor contemporâneo, que sofre com o paradoxo de uma urgência, de uma necessidade de se relacionar com a sua realidade histórica, mas que entende a impossibilidade de captá-la como gostaria.

Em *Se Um Viajante Numa Noite de Inverno*, Italo Calvino traz a figura do escritor atormentado pela falta de criatividade, de inspiração; em outras palavras, de capacidade em escrever o que ele chama de seu “verdadeiro livro”. Silas Flannery, esse autor-personagem, escreve em seu diário o que lhe aflige:

Como eu escreveria bem se não existisse! Se entre a folha branca e a efervescência das palavras e das histórias que tomam forma e se desvanecem sem que ninguém as escreva não se interpusesse o incômodo tabique que é minha pessoa! O estilo, o gosto, a filosofia, a subjetividade, a formação cultural, a experiência de vida, a psicologia, o talento, os truques do ofício: todos os elementos que tornam reconhecível como meu aquilo que escrevo me parecem uma jaula que limita minhas possibilidades. (CALVINO, 2003, p.175)

Flannery sofre com o sintoma do escritor contemporâneo a que se refere Schollhammer: sua própria existência atrapalha, limita sua escrita, de forma que ele só pode falar a partir de si. Esse fantasma da impossibilidade da vanguarda, que Zygmunt Bauman traz, lhe impede de acreditar em si mesmo e o faz acreditar que existe uma história verdadeira, ou melhor, “a” história verdadeira, esperando para ser escrita. Obcecado por essa criação e pela aprovação da leitora que ele observa obsessivamente de sua janela, através de uma luneta, Silas Flannery se sente um escravo:

Há quantos anos não me concedo uma leitura desinteressada?  
Há quantos anos não consigo abandonar-me a um livro escrito por outros sem nenhuma relação com o que eu mesmo preciso escrever? (...) Desde que me tornei escravo da escrita, o prazer da leitura acabou para mim. (CALVINO, 2003, p.173)



Bauman afirma, trazendo o exemplo do movimento modernista, que essa busca pelo verdadeiro, pelo novo ou original, acaba levando a um tipo de pretensão que se apresenta como uma armadilha:

(...) parecia, aos poucos, que a fuga à armadilha do consentimento e da aceitação popular tinha seus limites. (...) O limite das artes vivido como uma permanente revolução foi a autodestruição. Chegou um momento em que não havia nenhum lugar para ir. (BAUMAN, 1998, p.127)

O autor-personagem de Calvino se vê justamente nesse limite da criação artística e vive a desesperadora vontade de escrever o que não pode ser escrito.

Outras vezes, creio compreender que entre o livro a ser escrito e as coisas que já existem não pode haver mais que uma espécie de complementariedade: o livro deveria ser a contraparte escrita do mundo não escrito; sua matéria deveria ser aquilo que não existe nem poderia existir, exceto quando for escrito, e do qual se experimenta obscuramente a falta em sua própria incompletude. (CALVINO, 2003, p.176)

Essa necessidade de captura de um “mundo não escrito”, remete ainda à fratura temporal que Agamben alude. É também uma necessidade de abarcar o que não é palpável, totalmente sensível; de abarcar essa quebra no tempo. Termina por deixar a sensação de dever que não foi cumprido. Então, Schollhammer vai trazer:

Nesse sentido, podemos entender que a urgência é a expressão sensível de dificuldade de lidar com o mais próximo e atual, ou seja, a sensação, que atravessa alguns escritores, de ser anacrônico em relação ao presente, passando a aceitar que sua ‘realidade’ mais real só poderá ser refletida na margem e nunca enxergada de frente ou capturada diretamente. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 11)

O que trazem Bauman e Schollhammer, cada um à sua maneira e com suas especificidades de perspectiva, é que, ao pensar o contemporâneo, faz-se necessária uma

comparação com o modernismo, enquanto preocupado em correr atrás de um suposto tempo perdido, ao buscar sempre o novo, a novidade, enquanto que o presente não apresenta uma linearidade histórica onde o “novo” e a “novidade” são elementos completamente sensíveis e possíveis, uma vez que, na atualidade, as interrogações, os caminhos, os objetivos e as justificativas são variados, e a história não encontra mais um ponto de onde se determina o que é antigo e o que aponta para o futuro, uma vez que, principalmente na arte, tudo é ressignificado – e podemos dizer que é uma herança marcante e eterna da desconstrução imposta pelo modernismo. “O presente contemporâneo é a quebra da coluna vertebral da história e já não pode oferecer nem repouso, nem conciliação”, diz Schollhammer.

Agamben ainda acrescenta uma segunda definição sobre o contemporâneo:

(...) contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p. 63)

E continua:

(...) contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o fecho de trevas que provém do seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 64)

Podemos tomar Silas Flannery como um alter ego do próprio Calvino, que em toda sua trajetória foi um escritor preocupado com as questões da literatura e pautado com a reflexão sobre o ato da leitura. É importante lembrar que é Calvino quem lança à reflexão as *Seis propostas para o próximo milênio* [cinco, no caso, pois o autor morre antes de escrever a sexta proposta], onde discute a literatura no contemporâneo, pensando o futuro e as mudanças que urgiam com a chegada das novas tecnologias.

Na ocasião da publicação de um artigo seu, *Se um narrador numa noite de inverno*, em resposta a uma crítica sobre seu novo livro, fica clara a luta de Calvino

entre ser um autor intencionado, que planejou e arquitetou estrategicamente seu romance, e o leitor que analisa o texto acabado com a memória de suas intenções de escritor.

Disse-me que, em sua opinião, o livro procedia por cancelamentos sucessivos, até o cancelamento do mundo no “romance apocalíptico”. Essa ideia e, simultaneamente, a releitura do conto “El acercamiento a Almotásim”, de Borges, levaram-me a reler meu livro (então acabado) como aquilo que poderia ter sido uma busca do “verdadeiro romance” e, ao mesmo tempo, de uma atitude apropriada em relação ao mundo, onde a cada “romance” iniciado e interrompido correspondia um caminho descartado. Por essa ótica, o livro representaria (para mim) uma espécie de autobiografia negativa: os romances que eu poderia ter escrito e descartei, e também (para mim e para os outros) um catálogo indicativo das atitudes existenciais que conduzem a outros tantos caminhos obstruídos. (CALVINO, 2003, p.273)

Silas Flannery, o escritor atormentado, conclui, entre seus devaneios, que “a facilidade de acesso a outro mundo é uma ilusão”; e esse outro mundo, ele deixa claro, é o mundo mesmo em que se vive, mas que não seja olhado por seus olhos, sentido por seus próprios sentidos, nem pensado em sua própria cabeça, mas que fosse ele “apenas uma mão decepada que empunha a pena e escreve”.

No encontro com Ludmilla, o que atormenta Flannery atinge seu máximo, posto que a sua leitora ideal está diante dele e lhe diz que “a verdade da literatura consiste apenas na fisicalidade do ato de escrever”. Ludmilla insiste em dizer ainda que a sua impressão é a de que os romances de Silas Flannery já estavam ali, com todos os detalhes, e dele só foi preciso utilizar-se do talento para a escrita para transpor o mundo imaginários que existe independentemente do escritor. É um golpe duro em Flannery, e o encontro termina com o escritor tentando agarrar a Leitora, que se esquivava, concluindo: “(...) quem me interessa é o outro, o Silas Flannery que existe nas obras de Silas Flannery, independentemente do senhor que está diante de mim”.

Em *Se um viajante*, o escritor não recebeu o protagonismo, mas é impossível não notar duas características no modo como ele é apresentado.

A primeira: Flannery recebe um capítulo especial, que seria o seu diário, contando, a partir de seu próprio ponto de vista, sua parte na história. Essa escolha de Calvino em incluir a voz do escritor em primeira pessoa deixa margem para um questionamento: teria Calvino uma forte identificação com Silas Flannery e prefere abandonar por um momento o narrador para dar voz ao tormento de um escritor?

A segunda característica diz respeito ao cenário psicológico que cerca Flannery. Diferentemente do que já foi tratado sobre manter autor e leitor no mesmo patamar de importância no sistema da literatura de ficção, percebe-se que Calvino, além de colocar o Leitor no centro do romance, apresentou um escritor atormentado, obsessivo e que, no final das contas, não produz mais do que seu diário e uma ideia:

Refleti sobre a minha última conversa com aquele Leitor. (...) Veio-me a ideia de escrever um romance feito só de começos de romances. O protagonista poderia ser um Leitor que é continuamente interrompido. (CALVINO, 2003, p. 202)

O conteúdo da história que se confunde com a experiência real do leitor empírico só deixa mais confuso o lugar que esse leitor ocupa no romance. A “mão decepada que impunha a pena e escreve” *Se um viajante numa noite de inverno* seria Italo Calvino, Silas Flannery, ou o próprio Leitor?

### Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo. In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. A arte pós-moderna, ou a impossibilidade da vanguarda. In: \_\_\_\_\_. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SCHOLLHAMMER, Karl Eric. Que significa literatura contemporânea? In: \_\_\_\_\_. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.